

The background of the book cover is a warm, golden-brown photograph. The top half shows a dense canopy of trees with leaves in shades of yellow and green, suggesting an autumn setting. The bottom half shows several thick stacks of books, their pages creating a textured, layered appearance. The overall color palette is monochromatic and warm.

ALBERTO TROVÃO DO ROSÁRIO

INVENTÁRIO DO MEU MUNDO

Editame

PARTE I

À bolina, entre margens impostas, desde que este mundo foi metodicamente organizado, fui tomando notas soltas, as escritas e as por escrever, porque só assim é possível, sem a dependência de baias, desfiar as contas e prosseguir na descoberta das invenções, numa espontaneidade que só (só...) os meus padrões genes vigiam e controlam.

De uma ameaça fugi: a das certezas, que me colocariam amarras e âncoras e que me fariam parar aguardando a morte. O sabor que a vida tem é mais saboroso quando é oferecido pelo improvável e aprendemos já que é preferível descobrir como sair da cova onde caímos a ficarmos parados no caminho com medo de cairmos numa cova.

Pedi às minhas asas que me levem para onde se canta a poesia, para onde se murmura a filosofia, para onde a ciência encanta e não desencanta, porque é aí que está o maná.

Se o conseguir, estarei com quem gostaria de ser.

Quando era adolescente, lia e tentava entender o que os clássicos deram sobre as minhas ignorâncias. Respeitava tanto a sua companhia como os indígenas de uma aldeia perdida num sertão terão respeitado os missionários que lhes levavam caravanas carregadas de certezas, cada uma delas incomensuravelmente maior do que as toscas e terrenas incertezas

de que se alimentavam os que as ouviam. Por esse mesmo tempo tolerava, com desprazer, as sentenças e comezinhas opiniões da “*vox populí*” trazida pelas maresias ribeirinhas. Tentava sempre decorar-me com as opiniões dos filósofos e dos seus colegas sábios, não perdendo tempo com pedras quando tinha diamantes à minha disposição. Já o Sol tinha começado a descer, confesso, quando consegui juntar, no mesmo alguidar de garimpeiro, todas as areias: as que brilhavam e as que não brilhavam.

Para chegar a tal ponto de maturidade, servi-me de dois bordões: o do meu envelhecimento e o de ter percebido que a escolha tem de ser sempre minha e não de quem determinou os códigos que eu devo seguir e consumir.

Os deuses que nos criaram e marcaram, não só determinaram claramente as nossas estreitas fronteiras, como nos programaram com duas exigências que só deuses poderiam impor: uma, agitando-nos cenouras à frente dos olhos para que sejamos obrigados a desejar o futuro e a procurar superações, outra, a de que não confiássemos demasiadamente na nossa condição de robôs espertotes. Quisesse eu tornar esta imagem ainda mais pobre e diria que o cocheiro que nos vai agitando as cenouras em frente dos olhos não consente, porque para isso nos colocou os anteolhos, que nos voltemos para trás para o vermos. Em tentativas de rebelião, recorreremos a religiões, a filosofias, a crenças e, com o rosto muito sério, às ciências, que não colocam no tabuleiro variáveis nem incertezas, mas a inexorável segurança que os prótons, os neutrinos, os bits, os aminoácidos e muitos outros lhes oferecem para fazerem os seus cozinhados tão lógicos como insípidos. Quando levantamos os olhos da lamela e os elevamos aos céus, procuramos a ajuda de homens que parecem saber mais destes assuntos do que nós, como os sacerdotes, convictos de que estes, que servem de intérpretes e de decodificadores das verdades divinas, nos podem ajudar a descobrir caminhos mais luminosos de onde se possa vislumbrar a verdade. Com pena minha, no entanto, vejo-os, independentemente dos graus a que tenham ascendido, tão informados sobre estes assuntos como os outros mortais. Ainda com mais pena, lembram-me crianças que, depois de juntarem um montinho de pedras se põem em cima delas para chegarem mais perto do céu...

Aliás, usando a sua autoridade e generalizando cepticismos, o velho Heraclito cogitou que “*brincadeiras de crianças, os pensamentos dos homens...*”.

Tenho discos e CD’s com gravações das Sinfonias e dos Concertos de Beethoven. De todos. Que pena tenho de não me faltar nenhum... Deveria não ter um deles, para desejar muito vir a tê-lo, para ter a esperança de o conhecer e ter a esperança de que teria uma vida escondida à minha espera.

Todos nós, e no grupo incluo religiosos, filósofos e justiceiros, punimos, ou queremos punir, os maus, sem nunca sentirmos que são eles quem mais precisa de Amor. Já não tenho paciência para ver nas lendas, nos contos, nos romances, nas peças de teatro, nos filmes, nos pesados e nos leves tratados de moral, os maus serem castigados, insultados, presos e mortos.

Se fôssemos já mais crescidos, perceberíamos que os bons também deveriam ser punidos, por só serem bons, por maltratarem os maus e por não entenderem que, se fazem exigências aos outros é para se protegerem debaixo de um chapéu-de-chuva desenhado por códigos que não construíram e por egoísmos de que dependem.

Aliás, indo por caminhos não muito afastados deste, a justiça, quer quando assumimos a responsabilidade de a aplicarmos, quer quando, por comodismo ou reconhecida incapacidade, a entregamos aos deuses, é normalmente usada com o tédio de quem não quer ter problemas, em particular com a sua consciência. E algumas das mais belas demonstrações de nobreza de carácter brotam justamente de quem é capaz de erguer a cabeça e levantar a voz como fez Walt Whitman:

*“Com estrondosa música venho, com as minhas cornetas e tambores,
Não só toco marchas para os vencedores aclamados, também as toco
Para os conquistados e abatidos.”*

Como deve ser bom ter asas tão grandes...

Investigar, estudar, cientificar é espreitar para trás do pano de boca, é fazer batota. Porque a peça, meus amigos, deve ser vista como o autor a escreveu. Se espreitarmos ou tentarmos ler o fim, a peça perde interesse ou, porque não a percebemos, ou porque julgamos que a percebemos.

Talvez por isso, foi prometido que o reino dos céus será de alguns...

Acreditando no que me dizem os cientistas - e quem sou eu para duvidar? -, a primeira linguagem da vida é bioquímica. E também nos trouxeram, já há algum tempo, a novidade de que um tal ácido desoxirribonucleico, que já nos tinha sido apresentado há muito, emite um sinal ao qual chamam ARNm (mensageiro), não sendo este sinal mais do que uma mensagem codificada. Se por este caminho seguissemos com a preocupação do passante que assiste à demonstração de uma maquinação na via pública - com o respeito que devemos aos cientistas e que é quase tão grande como o que os avós dos nossos avós sentiam pelos feiticeiros das suas tribos -, juntaríamos outras cogitações. Por exemplo, não estamos perante diálogos entre codificações e decodificações quando o nosso sistema nervoso periférico leva informações ao sistema nervoso central? E não estaremos perante diálogos semelhantes na sinapse? E na placa motora?

Michel Lamy, por exemplo, cogitou que o ser vivo inventa um código genético que é uma linguagem original e indispensável à perenidade da espécie. Tudo isto é maravilhoso e parece-me perfeitamente óbvio, ficando porém com duas dúvidas bem fundas: uma, que me segue sempre, refere-se à paternidade de tudo isto, e com certeza que mais adiante voltarei muitas vezes a ela, a outra, que tenho desde há poucos anos, deixa-me inquieto e intrigado: porque é que tantas coisas como estas, e bem diferentes destas, estão a ser descobertas em catadupa nos últimos anos? A cómoda explicação feita com um amontoado feito à pressa de epistemologias, transdisciplinidades e novas tecnologias não me conforta nem, muito menos, me tranquiliza. E a verdade é que estou muito desconfiado. Muito.

Talvez o medo de todos os medos possa ser escondido atrás da cortina se eu pensar que cada passo que a ciência dá nos leva a um novo quadro de dúvidas e de interrogações que nos vão entreter mais algum tempo. Porque durante esse tempo estaremos dispensados de interrogar as grandes origens e os grandes fins.

Quando nos projectaram, a cada um, a todos nós e ao mundo em que nos colocaram, dotaram cada Homem de um conjunto de meios que iam dos que nos atribuíam responsabilidades, a maior das quais é a de nos reproduzirmos, sem a qual se perderia todo o investimento feito, à de aprendermos a viver com o corpo que nos foi distribuído, no qual incluíam um sistema nervoso central apto a relacionar cada corpo com o meio envolvente, para além do dever de seguirmos um conjunto de regras, contidas numa espécie de livro de instruções, que continha uma série de recomendações relacionadas com a sobrevivência de cada indivíduo e do grupo em que se integrasse e que ele foi transformando em códigos a que chegou, por astúcia e por calculismo, a chamar moral.

Também nos foi dada a possibilidade de participarmos, com o arado, com a lamparina de azeite e com a pena, numa peça encenada à nossa dimensão e de texto facilmente inteligível, que a nossa mente percebesse bem e onde a nossa mão chegasse. Partindo daqui, montámos a família, adaptámos a moral, construímos formas de estado e até fizemos a escola e a igreja.

Protegidos das maiores inclemências pela solidez destas paredes, empunhámos novos apetrechos que aumentavam o braço e adequámos o mundo de modo a que este servisse quem nós éramos. E assim fomos andando, mais ou menos serenamente, sempre compatibilizando o que o nosso corpo podia com o que a mente queria sem, todavia, arriscarmos muito para além dessa humana e doméstica condição.

Eis senão quando o desenrolar da peça se precipitou, por qualquer razão que só o autor conhece e que, como é seu hábito, não nos revela; a acção foi acelerada, o andar tornou-se uma corrida e esta atingiu uma vertigem de transformações que abanaram, e em muitos casos fizeram ruir, as paredes que tanto trabalho tinham dado a erguer com solidez e com coerências. Agora, a família já não controla, a religião já não protege, a escola já não é respeitada, o estado já só pede que acreditem em que ele existe... E o homem que tudo sabia sobre a charrua e sobre o machado, nada sabe nem nada percebe sobre o que se esconde por detrás de uma tecla ou de um botão.

Mas, se tudo o que rodeia o homem evoluiu nesta vertigem, ele, saco de genes harmoniosamente encadeados, é o mesmo. E começa a sentir que está a ser empurrado para um mundo onde terá de ser, onde só poderá ser, muito diferente de si próprio, se quiser sobreviver e continuar na companhia de outros homens que também querem sobreviver. Ele,

ele que era o incontestável protagonista e a quem tinha sido oferecido o privilégio de escolher os caminhos, ainda que estes fossem pequenos e rotineiros, sente agora que está a ser arrastado por uma avalanche que não domina nem sabe cavalgar. Preocupa-se com a necessidade, cada vez mais premente, de aprender a viver num mundo que não escolheu, que não criou e que cada dia percebe menos. E já não acredita, como Comenius acreditava, que o homem é tudo porque é capaz de se tornar tudo.

A arrumação da sua casa interior, que funcionou tão bem durante séculos, soçobrou exactamente quando as paredes abriram brechas. Nem sequer as imagens dos deuses e dos santos se agarraram às paredes. Aliás, o mesmo aconteceu às figuras dos heróis da pátria e às fotografias dos antepassados. E a arrumação que indivíduos que não conhece estão a projectar nos seus ateliês e a construir com as suas máquinas, não tem nenhum lugar especial

Estava eu a cogitar sobre este assunto quando fui levado a uma conclusão: estamos já a reservado para ele; desconfia até que não tem lugar nenhum reservado. entrar no desconhecido e ameaçador campo da desregulação psicossocial. Será exagero meu? Pois se é, deixem-me exagerar mais um pouco: creio que em breve o Homem acentuará uma reacção que já iniciou, no sentido de ser recolocado na situação de protagonista e que o fará de uma de duas formas ou, consoante as latitudes, de ambas. Isto é, de forma tranquila e mais informada tomará um conjunto de medidas, mais ou menos ambientais, mais ou menos conducentes a novas formas de responsabilidade, mais ou menos defensoras da privacidade, ou, o que terá preços bem maiores, opta por se integrar na alcateia que aceita e segue cómodas e cegas vias fundamentalistas – religiosas ou políticas. Poderemos ainda admitir que cardumes sejam arregimentados para seguirem líderes preparados em laboratórios especializados e que saberão entorpecer e manipular, muito melhor ainda do que alguns primários ditadores a quem infelizmente fomos apresentados no passado.

Enfim, o plano está muito inclinado e se não reagirmos, o filme passa da cor ao preto e branco. Penso que, se o tal instinto de sobrevivência não é só individual mas também colectivo, conseguiremos colorir novamente o filme, justamente a tempo de salvar a rapariguinha que o bandido está prestes a matar.

Em verdade, em verdade, não sei se penso isto, se o quero pensar...

Ainda enalhado na tal desregulação psicossocial, na qual cogito muitas vezes, fui por uma vereda diferente tentando olhá-la numa outra fachada. E parti de certezas tão garantidas quanto nos é permitido tê-las. Por exemplo: todo o comportamento humano é consequência de uma evolução, seja ela darwiniana ou outra qualquer, e esta evolução é, por sua vez, a resultante de outras duas evoluções, a que determina o comportamento instintivo e a que determina o comportamento adquirido. Avançando, é assim possível, em cada dia, conhecermos o ponto em que nos encontramos neste percurso e, admito que o facto de o adquirido, acelerado por transitoriedades e por acumulações, correr muito mais depressa do que o instintivo esteja na origem de desadequações e de desregulações psicossociais. Mesmo que muitos já o tenham dito, quis ser eu a repetir isto a mim próprio, agora.

Por estas e por outras, ocorreu-me que

O rio que me leva

É um rebanho de gotas de chuva.

O guardador é outro,

Eu, só sou levado pelo rebanho...

Vários foram os homens que modificaram os caminhos que se abriam naturalmente aos outros homens. Foram guerreiros, muitas vezes, religiosos, muitas mais vezes do que os filósofos, cuja influência, ainda que o não queiramos aceitar, pouco se fez sentir.

Alguns guerreiros fizeram fronteiras, tendo derrubado as antigas, impuseram línguas, culturas e comércio, condicionaram, por centenas e até por milhares de anos, a vida de povos que hoje mal se recordam deles.

Muitos homens participam, ainda hoje, em guerras e espalham mortes soltando gritos que são ecos dos gritos guerreiros de há séculos. É um tema bem interessante para quem queira ler as letras miúdas com que a História é feita e não espreguice o seu desejo de informação nos cabeçalhos. Lembro que, para mal deles, os povos de África estão, em muitos casos, sepa-

rados por fronteiras e por línguas que lhes foram impostas por estranhos que chegaram de muito longe e mais bem armados do que eles; lembro que os povos da América Latina falam um latim corrompido para lá levado por portugueses e espanhóis, enquanto os da América do Norte, falam uma outra língua (a que não faltam também muitas palavras latinas), levada de barco por um outro povo; lembro que alguns povos da África do Norte falam um latim que a tão conceituada gastronomia francesa cozinhou. E se formos para a Ásia? Lá encontraremos muita gente a falar mandarim ou cantonês ou outras línguas diferentes das línguas dos antepassados.

Onde eu queria chegar, embora o caminho a percorrer se desdobre em muitos troços, era, não à influência de conquistadores e dos seus exércitos, mas à poderosíssima e misteriosa força criada e difundida por alguns religiosos. É tema inesgotável, em boa medida pela grande admiração que suscita quando vemos, uma e outra vez, que a humanidade, que é só uma, constituída por gente que aparentemente só poderia ser distinguida pelo facto de razões económicas e geográficas terem fixado uns grupos nuns locais e outros em locais diferentes, esteja disponível para aceitar, exibindo uma fragilidade feita de impotências, o que diz um qualquer profeta ou pretendente a profeta. Estes sentenciam e apontam, a cada um desses grupos, largas e luminosas estradas que levam à vida eterna, estribados em ideias e conceitos que têm em comum um ponto: racionalmente, quanto defendem é absurdo. Que tal tenha acontecido há milhares de anos é naturalmente justificável se olharmos os destinatários de então e a episteme em que viviam. Mas chegamos quase ao aturdimento se notarmos que os mesmos argumentos, ainda que burilados e tornados mais aceitáveis por intermediários, que há tanto tempo foram usados pelos profetas e, em especial, pelos que se serviram dos movimentos criados, lhes deram solidez e com eles montaram impérios mais duradouros do que qualquer império criado com a espada, continuam a ser utilizados. E utilizados com pleno êxito.

Porque voltarei outras vezes a este assunto, tanto ele me atrai, fico só, por enquanto, a remoer uma ideia, talvez rodeada de quinas vivas: não merecerá séria cogitação o facto de, desde há quase mil e quinhentos anos, nenhum dos profetas entretanto surgidos ter conseguido um êxito minimamente assinalável? Será um sinal de esperança para os que fielmente seguem os profetas já reconhecidos, ou um sinal de esperança para os que, por não acreditarem em nenhum profeta, acham que a não aceitação de novos auto-intitulados emissários de Deus significa que a humanidade

já amadureceu e já não tem as mesmas esperanças?

Claro que este assunto é demasiadamente interessante para o olhar-mos num relance. Com a maior sensatez, poderemos seguir o que as vozes mais avisadas nos apontam: antes de congeminarmos, deveremos estudar, em especial, o que os textos sagrados nos querem ensinar. Ao ouvir estes conselhos, sou incitado a encarar duas respostas. A primeira assenta na descarada rebeldia: creio que a tal sensatez levou muita gente a ficar em casa quando muitos já viajavam pelo mundo. A segunda é apontada por uma outra forma de sensatez: todos esses textos, tão ricos e bem estruturados, como seria de esperar de obras que foram meticulosamente buriladas e ajustadas ao longo de séculos, foram criados, cada um deles, num tempo que não é o da cultura de hoje, destinados a leitores (ouvintes), que não são os de hoje, contendo por vezes afirmações que a cultura de hoje não pode aceitar. Vou deixar o assunto ao lume para que dentro em pouco possa voltar a ele. Estará talvez mais apurado, ainda que os condimentos não possam ser muito diferentes dos que uso habitualmente. Os deuses deram-me alguns, pobres e em pouca quantidade, e mais não posso fazer do que imaginar receitas para os valorizar como fazem os povos das zonas mais pobres desta Terra de que somos inquilinos.

Ouvi hoje duas crianças falarem de golfinhos. O que diziam, próprio das caixas de ressonância que são, era emoldurado por belos sentimentos, podendo-se quase ouvir em fundo uma bela *“berceuse”*. Tudo era sereno encanto, ao mesmo tempo que as delicadas e sensíveis mães dos infantes, ali mesmo ao lado, se deliciavam com umas belas postas de pescada. Ao pensar nos destinos do golfinho e da pescada, não posso deixar de lamentar que os deuses, ao contrário do que se anuncia, não sejam infinitamente justos... Como é que o poderiam ser se não o são consigo próprios? E porque não admitirmos que, se a vida fosse infinitamente justa, muitas, muitas das nossas motivações desapareceriam? De facto, temos de aceitar que o programa não teria sal se não nos tivessem sido dadas calamidades, guerras, pestes, disputas, invejas e muitas outras prendas oferecidas por deuses, que aparecem nos catálogos como diabos, e que nos incitam para entretenimentos que deixariam a consciência dos deuses, se a tivessem, muito pesada. Não podemos negar que estamos muito mais predispostos a resolver problemas numa sociedade cheia de escolhos do que a viver em total passividade, num bucolismo contemplativo, onde só o pipilar de

pássaros ensaiados causaria alguma agitação.

Andei a passear comigo ontem à noite por caminhos abertos entre árvores e arbustos. Enquanto andava, esforcei-me por distinguir formas, tentando não tropeçar em pedras ou em ramos com espinhos e, com os meios que me concederam, fui-me habituando à escuridão e consegui não cair, nem sequer tropeçar, enquanto olhava o céu onde as estrelas pareciam querer chamar a minha atenção, mesmo as que, nalguns casos já há muito, não têm agora nenhuma luz para me dar.

Como acontece há milhares de anos aos homens que têm vivido em todas as civilizações, mesmo em todas, fui empurrado para cogitações que giraram à volta da maior admiração. Uma admiração que não teve os fundamentos da belíssima frase de Einstein, que olhando com olhos mais informados do que os meus os horizontes infinitos povoados por astros de todos os tipos e dimensões, terá dito que *“aquilo que existe de mais incompreensível a respeito do universo, é o facto de ser compreensível”*. Os meus fundamentos são mais pobres por serem pouco mais do que imposições dos sentidos.

Fiquei feliz por gostar, por gostar sem reservas, de olhar os céus, não percebendo como um pensador, culto e habituado a agradecer as dádivas do deus que seguia, como Pascal, podia olhar o céu com medo, um medo que parece contrariar muito do que escreveu e que sintetizou numa frase onde esse deus não cabe: *“o silêncio eterno destes espaços infinitos assusta-me”*. Fico a pensar que os meus deuses, e não só os meus, são deuses que fizeram o tudo e o todo e o de Pascal só foi responsável por uma parte... Poderei compreender um pouco melhor a distância que separa o que disse Einstein do que disse Pascal se for buscar Foucault e as suas epistemes, mas não esqueço que grandes teólogos, respeitados e citados por Pascal, não tinham medo de nenhuma obra do deus que era comum a todos eles.

Tive, há pouco, um diálogo que me deixou apreensivo, com uma pequena árvore. Começou a propósito da minha intenção de a enxertar, transformando-a portanto noutra árvore diferente. Olhou para mim e perguntou-me que direito tinha de o fazer. Se eu concretizasse a minha intenção, ela ficaria a ser ela própria só na raiz e no início do tronco, deixaria de dar as suas flores e os seus frutos e passaria a dar as flores e os frutos de uma outra

árvore, que sabia ser pouco mais do que sua prima. Respondi-lhe que assim é feito desde há muitos, muitos anos, e que se deve a tal prática a possibilidade de ter sido melhorada a alimentação humana. Inquietou-me ao comentar que de facto assim foi mas que, num tempo em que o homem se envaidece com tão grandes progressos, bem pode já deixar de causar aleijões em tantas árvores que ele próprio começa a encarar como irmãs. Fiquei sem resposta imediata, mas prometo que voltarei a falar com ela, ou porque terei encontrado bons argumentos para me poder defender, ou para lhe dizer que não tenho argumentos nenhuns para me defender.

Mostraram-me, quando eu andava pelos dez anos e num ambiente de grande seriedade e recolhimento, um pequeno pedaço do Santo Lenho. Desde então vi vários pequenos pedaços semelhantes, soube da existência de muitos outros e li algures que todos os pedaços conhecidos pesarão, no conjunto, muitas toneladas. Muitos curiosos e alguns estudiosos catam edifícios por todo o mundo na esperança de encontrarem o Santo Graal. São revolvidas montanhas e analisados mapas na convicção de que a Arca de Noé será descoberta, cedo ou tarde. Embora estudos recentes apontem para que tal seja impossível, não são poucos os que teimam em acreditar que é verdadeiro o Santo Sudário exposto em Turim. E, se quisermos andar alguns milhares de quilómetros, olharíamos, se no-lo consentissem, a Kaaba. A estes casos poderíamos juntar muitos outros, vividos em cenários diferentes e, até, juntar alguns que o tempo, amassado em dúvidas, fez esquecer. Foi assim, é assim, será assim. Fico a pensar que nós fomos assim, nós somos assim, nós seremos assim. Porque foram os deuses tão sovinas conosco? E, volto sempre às mesmas perguntas, o que atesta bem que os deuses também foram sovinas comigo. Quando perceberemos que os infindáveis tricots com que nos vão entretendo, chamem-se eles ciências ou religiões, dão-nos o prazer de arrumarmos os bibelots dentro de casa, mas nunca nos permitirão ver a casa toda, nem, muito menos, porque é que a casa foi construída?

Em passos acelerados, abandonamos a ilusão de que há uma corrida entre a Arte e o computador. A Arte, com tudo o tinha de humano, da busca do belo à esquizofrenia, do solfejo ou das primeiras pinceladas à ingenuidade dos que se evadiam para mundos que eram só deles, rapidamente deixou

o adversário afastar-se, triunfante, numa correria obediente a automatismos feita entre alas de arrogâncias e de autismos.

Tenhamos a lucidez de reconhecer que as palavras de Milton ou de Shakespeare, as cores de Leonardo ou de Goya, as notas da Callas ou da Tebaldi, as frases de Beethoven ou de Vivaldi, por muito que desesperadamente o não quisermos aceitar, podem ser facilmente descodificadas por qualquer tecnologia muito moderna e, os mais avançados computadores, programados por computadores humanos, com igual facilidade criarão obras “ao jeito” de cada um destes nossos amigos. E, conhecidos que sejam os códigos, também poderão aparecer versos de Pessoa ou Sá Carneiro, eventualmente criados na Tailândia ou em Taiwan.

Mais uma vez, a ciência, ao dar-nos mais saber, rouba-nos ingenuidade e capacidade de nos encantarmos. Quando for reduzido a um pequeno jardim paternalmente tolerado, o nosso espaço para imaginarmos, criado e programado para esse efeito, ainda nos sentiremos mais admirados e reconhecidos por tudo o que nos deram os génios e os nossos amigos que são pintores ao domingo e os que tocam em grupos desconhecidos.

A arte do futuro tenderá a seguir os paradigmas que algemaram, ou irão rapidamente algemar, as outras actividades humanas, caibam elas em designações tão diferentes como indústria, comércio, agricultura, tempos livres, etc. E por isso a grande maioria de nós gostará da arte do futuro próximo, porque ela será programada para que gostemos dela massivamente. Ou, o que é bem mais importante, será programada para que a consumamos em grandes quantidades como fazemos com os hambúrgueres, com os refrigerantes com sabor à fruta que não contém, com os legumes para cuja vida contaram mais os lucros de uma indústria do que a natureza. Se o nosso amigo Ludwig fosse vivo, apreciaria pela primeira vez o facto de ser surdo...

O assunto tem sido já tratado, sendo conhecidos vários tipos de abordagem. Desde as que partem das neurociências e usam como bordões certezas inamovíveis que vão buscar à Física, à Química e às suas meias-irmãs, a Bioquímica e a Neuroquímica, até às que nascem, e muitas vezes morrem, no emaranhado das incertezas, apresentadas como seguras e comprovadas, teorias que filósofos e religiosos equilibram em edifícios onde com frequência fazem por ignorar a ausência de escadas entre os diversos pisos.

É de facto mais cómodo encolhermos os ombros e refugiarmo-nos na responsabilidade alheia, ou nas religiões que outros produziram para nós

consumirmos. Aos muitíssimos que vão por aí, apetece-me dizer-lhes que este comboio já começou a andar há muito; e não está em causa a intenção dos que o puseram em movimento. Poderemos, isso sim, perguntar para onde o estão a conduzir, como e porquê. Se quisermos recuar uns anos, lemos nas revistas de 1948 que Shannon criou para a Bell, essa mesmo, a dos telefones, uma teoria de informação e de comunicação tendo recorrido a descobertas, então recentes, da fisiologia do Sistema Nervoso. Também li algures que os nossos conhecidíssimos Watson e Crick, os homens das serpentinhas, explicaram a especificidade biológica de cada indivíduo através do modelo de comunicação elaborado por... Shannon. Continuando a bisbilhotar, vimos que Monod, nos seus estudos sobre o património genético, descreveu a hereditariedade utilizando programas de informação, mensagens e códigos. Pois se desde os anos sessenta a célula é encarada como um verdadeiro sistema cibernético auto-regulado...

Sei bem que o comentário vem a despropósito, mas não consigo resistir: como é que, olhando estes temas, e muitos outros, é possível imaginar teorias como a do caos? Lembram-me sempre as crianças, brincalhonas e sem imaginação que, num belo dia de sol, enfiam a cabeça num saco e gritam, satisfeitas, que a noite está muito escura.

Porque será que me lembrei agora mesmo do que Agostinho da Silva um dia, com o seu ar saudavelmente descontraído, enunciou: *“a realidade e a ilusão, são ambas faces do indefinível”*?

Num fim de tarde que se escoava sem eu a poder reter e quando só um Requiem vem a propósito,

Que me levem as águas deste rio

Que me levem ao mar grande,

Para onde vão as águas de todos os rios.

Vão para o mar grande,

Porque os deuses querem e mandam

Eu poderei nadar nas águas deste rio,

Mas elas levar-me-ão sempre ao mar grande.

Porque os deuses me mandam para o mar grande.

Eles, que sabem que eu sei.

Olhei para a mesa onde tenho o hábito de colocar objectos que recolhi nas minhas deambulações e, antes de os arrumar junto aos familiares de cada um, senti que podia agarrar num fóssil com alguns milhões de anos, como o podia fazer com um pequeno testemunho que julgo ser do Campaniforme, ou com um pedaço de uma peça de cerâmica usada pela Ordem de Santiago, ou ainda com um desenho feito por um dos meus netos. Quantos Tempos... O Tempo é cada vez mais o alvo de estudos, quer dos físicos, que o consideram património seu, quer dos que espreitam para todos os tipos de bolas de cristal das quais retiram preciosas informações, quantas vezes enformadas em complexas teses mais ou menos doutoradas, mesmo quando as bolas estão baças. No entanto, por muito que esperneemos, inclusivamente através dessas ou outras teorias, o Tempo é, no cumprimento das ordens recebidas, tão soberanamente surdo, continuando, qual polícia de giro, a andar com a sua passada, segura e tão regular, que ficamos tranquilos por não ser possível alterar o seu ritmo. E tranquiliza-nos muito termos ainda essa certeza.

Passaram já vinte anos sobre um episódio que, embora curioso, não justifica qualquer menção especial, salvo se a nossa vontade de vermos para além do visível, com o inestimável auxílio da imaginação, nos sugerir uma ou outra interpretação complementar.

Uma cadela, velha amiga minha, dormia serenamente debaixo de um enorme pinheiro quando o vento fez cair, com estrépito, uma pinha verde e dura junto dela, o que, acordando-a, a deixou de mau humor. Um ou dois minutos depois, caiu outra pinha sobressaltando ainda mais o animal que se pôs de pé e, agitado, começou a andar para um e para outro lado. O episódio atingiria o clímax quando ao cair uma terceira pinha mesmo junto de si, a cadela ergueu a cabeça num gesto desabrido e olhando

o pinheiro, lá bem em cima, lhe rosou ameaçadoramente. Assisti a esta cena a poucos metros de distância e ainda hoje, vinte anos depois, me parece engraçada e propiciadora de algumas congeminções.

Ficámos os três bem: a cadela porque agiu como instintivamente entendeu, o pinheiro porque não tomou conta de nada do que se passou lá para baixo, e eu porque tive um pretexto para congeminar acerca do poder transmitido pelos pinheiros e ausência de poder das cadelas quando as pinhas lhes são arremessadas do alto. Perfeito.

Tinha eu os dedos a saltar de transdisciplinaridade em transdisciplinaridade quando me ocorreu, como já me tinha sucedido anteriormente, que há uma certa similitude entre todas estas procuras de denominadores comuns, que são vazados em formas laboriosamente desenhadas e buriladas, e a roda das cores que nos foi mostrada no liceu. Como nos recordamos, uma vez posta esta a girar, as cores vão-se esbatendo até que só somos capazes de ver um único tom. Fico a pensar nos motivos porque escrevi que só somos capazes. Vou tentar ser capaz de pensar no assunto.

O erro faz parte da cenoura. Sem ele poderíamos cair na tentação de, escasseando o estímulo, deixarmos apagar as luzes à nossa volta, do que estamos formal e regulamentarmente proibidos. Vamo-nos assim entre-tendo a detectar erros, a apontar erros e a tentar corrigir erros. Lá vem, de tempos a tempos, um colecionador de hipóteses filosofar sobre os erros e sobre a sua importância. Um dos que mais respeitamos de entre estes é o nosso amigo Popper, que aliás sempre afirmou que somos todos filósofos. Aceitamos e alegamo-nos com a benevolência de quem assim deixou que se exprimissem os seus cândidos e puros olhos azuis. E foi filosofando que nos sugeriu que acreditássemos que este universo não é um universo de confirmação de verdades, mas um universo de refutação de erros. Ao reler esta frase, associei-a a uma outra, dita pelo que é hoje companheiro de Popper na mesma nuvem, Albert Einstein, que, confiando o bigode, escreveu um dia a Bohr, com expressão desconfiada, que "*a teoria quântica traz-nos muitas coisas, mas pouco nos aproxima do segredo do Velho*". Por outras palavras, e independentemente da relutância com que Einstein sempre olhou os quanta, estaria a considerar que ainda temos de errar muito até nos aproximarmos do segredo do Velho. E Einstein bem

tentou aproximar-se...

Num pequeno desvio, reparei que Nicolescu, após passear pelos infinitamente grandes e pelos infinitamente pequenos conjectura que “...*esta assimetria estrutural para o infinitamente pequeno, para o invisível, numa verdadeira autoproteção do segredo, é um dos aspectos mais perturbadores da física moderna.*” Perturbador, meu caro Nicolescu? Muito mais perturbador seria se o segredo não se autoprotégesse. Nicolescu sabe bem que muitas sociedades secretas são respeitadas e temidas porque protegem os seus segredos; quando estes são desvendados, tais sociedades definham e apagam-se no horizonte. Nenhum de nós aceita que o Velho, usando a expressão de Einstein, infinitamente mais sabedor do que os mentores de tais sociedades, corra o risco de ver a sua obra definir e apagar-se no horizonte só porque uma janela ficou entreaberta. Tão grande erro não será, espero, cometido, pelo que me parecem traquinices infantis as afirmações petulantes de alguns cientistas que, sabendo muito de poucas coisas e nada sabendo das mais importantes, gritam, numa exibição de imaturidade que “estão quase a descobrir os desígnios de Deus”. Se um dia tiverem a sorte de perceber quem são e onde estão, nunca mais aparecem em público, sem ser com outra identidade e com uma máscara...

Estes parágrafos apareceram-me de forma desconexa, mas as associações às vezes arrastam-nos para onde não quereríamos ir. Concedo-me a atenuante de que as viagens muito bem organizadas impedem-nos de espreitar onde nos apetece. E como me deixaram espreitar, espreitei...

Fiquei a remoer no tema do erro. E vou cometer o erro de deambular um pouco com o erro. Ao correr da pena, expressão que pode ser traduzida em linguagem corrente por à medida que os dedos saltitam, com pouco prazer, sobre as teclas uniformizadoras, volto ao assunto. E faço-o colocando em cima da mesa várias hipóteses, com o costumeiro risco de dizer o já dito ou de escorregar numa ou noutra contradição.

Hipótese um: a existência do erro prova que o criador não é infalível. A ser assim, o homem tem um maior espaço para assumir responsabilidade, para acusar o criador de incapacidade e para se sentir um pouco seu par. É aliciante, mas julgo que só será seguida pelos menos exigentes, ou pelos que precisam muito de ver reconhecida a sua autonomia. Daqui poderão nascer teorias como as apontadas lá atrás e que vão do caos ao aleatório. Lembram-me dois tipos de filmes: nuns, a rabugenta e mal arranjada

criada varre o lixo que não foi capaz de apanhar para debaixo do tapete, noutros, as casas da aldeia do Texas onde o herói e o vilão se defrontam numa luta feroz, só têm fachada.

Hipótese dois: o erro faz parte do sistema. Pelo que não serão erros mas a parte encoberta da lua em que nos mandaram viver; ora, como nos colocaram na parte iluminada, estamos na ignorância do que se passa do outro lado. Porque a “lógica” usada pelo criador, só por este pode ser entendida e porque a “lógica” que ele nos forneceu para o nosso consumo é muito mais pobre, quer nas suas minguidas constantes, quer na escassez das variáveis e nunca poderá haver compatibilização, a não ser que o criador tenha já previsto acabar com esta sua iniciativa e nos deixe saber no último acto porque é que tudo isto foi enredado como foi. Clarissimamente, este comentário, que aliás só sussurrei, não tem nada a ver com o tão aguardado Juízo Final...

Hipótese três: os erros existem para que através do estímulo que constituem e das respostas que induzem (com permissão do Popper), espreitemos o que se passa no quarto escuro, sendo-nos assim possível o aperfeiçoamento individual e, através de cada um, o aperfeiçoamento da sociedade em que fomos incluídos. Por outras palavras: o homem seria desta forma tentado a descobrir o código do erro. Por esta via, a subida de cada degrau deixar-nos-ia felicíssimos e com o desejo de avançarmos para o seguinte. Exactamente como o rato que na gaiola corre muito dentro de um cilindro que roda, que roda, sem sair do mesmo sítio. Esta ideia que me ocorreu é bem mais simpática do que a do obeso que deixa o carro à porta do ginásio e vai correr num tapete rolante. Se eu tivesse tido coragem para usar esta imagem, seria talvez tentado a colocar o rato a correr no mesmo tapete.

Hipótese quatro: não há só uma plataforma de erros mas várias. Esta hipótese, que surge como corolário de outras ou como resultante de algumas perspectivas que a fundamentam, nasce da convicção de que, como num célebre quadro, diversas escadas conduzem a diferentes locais, sendo os planos independentes e não respeitando sequer pontos de vista ou pontos de fuga ditados pelo mais elementar bom senso. Para acentuar com mais força o que pretendia, o autor, usando as suas prerrogativas de criador, nem sequer respeitou as humanas dependências da gravidade. Aos homens competiria descobrir os erros e as suas escondidas soluções subindo uma escada, que afinal não conduz a lugar nenhum, descer por uma outra que também não o leva a qualquer resposta, correr a uma outra

que só agora viu, e a outra e a outra, julgando que sobe sem subir, julgando que desce sem descer e, o que lhe provoca maior desalento, esperando sempre encontrar sem nunca encontrar. Como qualquer jogador viciado, insiste, insiste sempre, e no final de cada dia, e de cada mês, vê que nunca saiu do mesmo sítio. Alguns sentam-se à espera de Godot, porque percebem que é muito mais inteligente esperar por quem virá quando quiser do que ir procurar quem não quer ser encontrado.

Porque já monologuei muito sobre esta questão, e com a devida vénia, quero agradecer ao criador que nos tenha oferecido o erro, a sua multiformidade e a nossa incapacidade para percebermos a sua origem e a intenção com que nos foi oferecido. Ele é de facto o nosso maior entretém. E é um entretém que nos foi oferecido como nos deram outros, também sob a forma de jogos. Por isso vários autores afiançam que o erro, como o crime e a ilusão, não são irracionais, são manifestações da razão às avessas...

As ondas chocam e abraçam-se,

Casam-se e descasam-se,

Dançando músicas que não conheço.

Sinto-me vivo e feliz

Por não saber porque se movem assim.

E ainda mais feliz

Por saber que nunca o saberei.

Perceber porque as ondas se movem

É a prova de que já morremos,

E ainda se torna mais cruel

Quando o não percebemos.

À BOLINA, ENTRE MARGENS IMPOSTAS, DESDE QUE ESTE MUNDO FOI METODICAMENTE ORGANIZADO, FUI TOMANDO NOTAS SOLTAS, AS ESCRITAS E AS POR ESCREVER, PORQUE SÓ ASSIM É POSSÍVEL, SEM A DEPENDÊNCIA DE BAIAS, DESFIAR AS CONTAS E PROSSEGUIR NA DESCOBERTA DAS INVENÇÕES, NUMA ESPONTANEIDADE QUE SÓ (SÓ...) OS MEUS PATRÕES GENES VIGIAM E CONTROLAM.

DE UMA AMEAÇA FUGI: A DAS CERTEZAS, QUE ME COLOCARIAM AMARRAS E ÂNCORAS E QUE ME FARIAM PARAR AGUARDANDO A MORTE. O SABOR QUE A VIDA TEM É MAIS SABOROSO QUANDO É OFERECIDO PELO IMPROVÁVEL E APRENDEMOS JÁ QUE É PREFERÍVEL DESCOBRIR COMO SAIR DA COVA ONDE CAÍMOS A FICARMOS PARADOS NO CAMINHO COM MEDO DE CAIRMOS NUMA COVA.

PEDI ÀS MINHAS ASAS QUE ME LEVEM PARA ONDE SE CANTA A POESIA, PARA ONDE SE MURMURA A FILOSOFIA, PARA ONDE A CIÊNCIA ENCANTA E NÃO DEENCANTA, PORQUE É AÍ QUE ESTÁ O MANÁ.

SE O CONSEGUIR, ESTAREI COM QUEM GOSTARIA DE SER.